

**ARTIGO ORIGINAL**

**A CIÊNCIA CONTÁBIL E SEUS PARADIGMAS: DO POSITIVISMO AO ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO**

**ORIGINAL ARTICLE**

**ACCOUNTING SCIENCE AND ITS PARADIGMS: FROM POSITIVISM TO EPISTEMOLOGICAL ANARCHISM.**

**Rodrigo de Souza Rampazzo<sup>1</sup>**

Faculdade Estácio de Vila Velha – FESVV, Vila Velha/ES - Brasil

**RESUMO**

Este trabalho analisa a relação entre os paradigmas das ciências contábeis sob a ótica do Positivismo, falsificacionismo de Popper, a visão de revolução científica proposta por Thomas Khun e o anarquismo epistemológico de Feyeraband. Para tanto, fundamenta-se em uma pesquisa descritiva documental que busca responder à questão problema: existe um paradigma dominante na ciência contábil atual? O referencial teórico estudado aponta que a utilização excessiva do método hipotético dedutivo de Popper pode estar influenciando de forma negativa no surgimento de novas teorias. Não obstante o surgimento de inúmeras frentes teóricas candidatas a paradigma na década de 60, nenhuma sagrou-se vencedora. O que ocorreu foi que, com a utilização hegemônica do método hipotético-dedutivo de Popper, foi necessário buscar teorias consolidadas para a elaboração das hipóteses. Nesse aspecto, havendo nas ciências contábeis uma grande incerteza sobre qual teoria sagrara-se vencedora, os cientistas passaram a busca na Teoria Econômica as bases doutrinárias para elaboração de suas pesquisas. Atualmente, o que se observa nas Ciências Contábeis é a utilização de um sistema multiparadigmático de mensuração, ou seja, os órgãos responsáveis pela normatização das práticas contábeis incorporam diversas teorias para a mensuração e avaliação dos ativos, onde visualizamos juntos: custo histórico, custo corrente, valor realizável líquido e o valor justo.

**Palavras-chave:** Teoria da contabilidade; Teoria Positiva; Teoria Normativa; Paradigma.

**ABSTRACT**

This paper analyzes the relationship between the paradigms of accounting sciences from the perspective of positivism, Popper's falsificationism, the vision of scientific revolution proposed by Thomas Khun and Feyeraband's epistemological anarchism. Therefore, it is based on a descriptive documentary research that seeks to answer to the question: is there a dominant paradigm in current accounting science? The theoretical framework studied points out that the excessive use of Popper's hypothetical deductive method may be negatively influencing the emergence of new theories. Despite the emergence of candidate theories for paradigm in the 60's, none was a winner. What happened was that with the hegemonic use of Popper's hypothetical-deductive method, it was necessary to seek consolidated theories for the preparation of the hypotheses. In this aspect, there being a great uncertainty in the accounting sciences as to which theory was won, the scientists began to search in Economic Theory as doctrinal bases for the elaboration of their research. Currently, what is observed in Accounting Sciences is the use of a multiparadigmatic measurement system, that is, the bodies responsible for the standardization of accounting practices incorporate several theories for the

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Contábeis (Controladoria e Finanças) pela UFES, MBA em Gestão Financeira e Controladoria (Estácio), graduação em Ciências Contábeis pela UFES, graduação em Direito pela Universidade de Vila Velha UVV e graduação em Comunicação Social pela UVV. Professor da Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha. E-mail: rsrampazzo@gmail.com

measurement and evaluation of assets, where we see together: historical cost, current cost, net realizable value and fair value.

**Keywords:** Accounting research; paradigm; normative positive.

## 1 INTRODUÇÃO

O conhecimento científico possui um papel de relevância na transformação do mundo. É através dele que se observa as mudanças reais que ocorrem na sociedade, mensurando seus impactos e solucionando problemas.

Hessen (2000) afirma que o conhecimento é um fenômeno peculiar de consciência, ressaltando que para compreendê-lo devemos aprender suas características essenciais mediante a autorreflexão sobre o que experimentamos quando nele pensamos. Para tanto, nomeia essa busca como método fenomenológico, ou seja, aquele que tenta compreender a essência geral no fenômeno concreto, diferindo-se do método psicológico, que investiga os processos mentais concretos em seu curso regular e suas relações com outros processos.

Nesse aspecto, ao aplicar o referido método com o fito de buscar o que é essencial a todo conhecimento, ou seja, sua estrutura geral, Hessen (2000) identifica que tal conhecimento nasce através da relação (correlação) entre dois elementos fundamentais, sujeito e objeto. Especificando que “[...] o sujeito só é o sujeito para um objeto e o objeto só é objeto para um sujeito. Ambos são o que são apenas na medida em que o são um para o outro [...]” (HESSEN, 2000, p.20).

A correlação proposta pelo autor é de crucial importância para a compreensão do presente trabalho, pois conforme nos ensina (HESSEN, 2000, p. 20), “[...] o conhecimento é uma afiguração do objeto pelo sujeito, e que a verdade do conhecimento consiste numa concordância da “imagem” afigurada pelo sujeito com o objeto. [...]”

Sob tal égide, na busca de solidificar tal afiguração e concordância, a pesquisa aqui proposta almeja realizar uma análise crítica do positivismo, falsificacionismo de Popper, a visão paradigmática de Thomas Kuhn e o anarquismo

epistemológico de Feyerabend, para responder a seguinte questão problema: existe um paradigma dominante na ciência contábil atual?

Nesse íterim, os temas aqui relatados dividem-se em: 1. Introdução, 2. Referencial Teórico, 2.1 Positivismo e as Críticas ao Positivismo, 2.2 O falsificacionismo de Karl Popper, 2.3 Kuhn e a Estrutura das Revoluções Científicas, 2.4. Feyerabend e o Anarquismo Epistemológico, 3. Conclusão.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 POSITIVISMO E AS CRÍTICAS AO POSITIVISMO

Segundo Zanoteli (2015), a concepção empirista da ciência, representada nas ciências humanas como positivismo, foi o *mainstream* da pesquisa científica. Entretanto, cumpre ressaltar que essa visão não encontra arcabouço na visão aristotélica de empirismo, mas sim, consoante lições de Domingues (2004), na concepção empirista criada a partir do *Novum Organon* de Francis Bacon (1984).

Como bem denota Oliva (1990), o *Novum Organon* tenta,

[...] (i) legitimar a superioridade do conhecimento científico sobre as pseudociências e sobre a especulação (metafísica, teológica e do senso comum), haja vista sua obtenção por meio de “meticulosas e rigorosas observações a partir das quais se formam, via indução, teorias factualmente enraizadas” (OLIVA, 1990, p.12); e (ii) estabelecer “um sistema de regras de investigação capaz de proporcionar uma modalidade de conhecimento provedora do controle instrumental sobre as realidades investigadas” (OLIVA, 1990, p. 19).

Cumpre obtemperar, todavia, que tal posicionamento ocorreu frente a necessidade de demarcação do que é ou não científico. O contexto histórico à época necessitava diferenciar, através de um sistema de regras de investigação, o que se observava por pesquisa científica. Era necessária a morte do sujeito epistêmico de forma que o pesquisador colocasse de lado sua visão de mundo e pudesse, através da observação e verificabilidade, demarcar um ramo do conhecimento.

Assim, surge e se caracteriza o Empirismo Metodológico que, segundo Zanoteli (2015), primava pela precisão e independência dos resultados, o que diferia

em muito do modelo aristotélico de empirismo que subjugava a objetividade em prol da subjetividade.

Feitas tais digressões, cumpre-nos ressaltar quais os principais aspectos do Empirismo, para somente então demonstrar de que forma insurge a abordagem do *Positivismo* no século XIX.

Em suma, podemos citar como principais aspectos do Empirismo Metodológico a observação e a indução. Para Bacon (1984), é através das observações que existe a capacidade explicativa da ciência e sua eficácia prática. Já o aspecto da indução, apenas se torna confiável se possibilitar transições seguras dos particulares para o geral, ou seja, o melhor critério de indução seria a eliminação das possibilidades concorrentes.

Ilustrando tal entendimento, trazemos à baila as palavras de Oliva, (1990, p. 25) expressando que:

o método adequado de investigação científica consiste na coleta de um número significativo de casos, a fim de deles derivar teorias e destas derivar teorias mais gerais (as axiomata media), e no aumento da generalidade de nossas teorias até que tenhamos chegado à teoria mais geral – à essência das coisas. Pelo princípio da subsunção, a teoria mais geral explica as menos gerais em encadeamento sucessivo até explicar o ‘fato original’ a partir do qual foi primitivamente derivada (OLIVA, 1990, p. 25).

Assim, resta claro que para o empirismo metodológico a *práxis*, experiência, sobreleva-se sobre qualquer outro método, pois somente dela é possível obter a verdade dos fatos.

Foi, destarte, com base nesse projeto empirista de fazer ciência que nasce no século XIX o *Positivismo*. Segundo Domingues (2004, p; 168) o vocábulo *Positivismo* tem por significado “a necessidade de que todo juízo sobre um estado de coisas ou pronunciamento sobre o mundo seja confirmado pela experiência”. Para o autor, o termo “positivismo” é uma derivação da palavra “positivo” e está relacionada a atividade do espírito que se propõe científica, e não simplesmente teológica, metafísica ou ideológica (DOMINGUES, 2004).

Zanoteli (2015) pondera que inobstante os ataques que o positivismo sofreu no decorrer do século XX, em especial de Popper, que será debatido no capítulo

seguinte, o *Positivismo* se faz presente nas pesquisas científicas, atraindo, inclusive, adeptos de diversas áreas das ciências sociais.

Nesse diapasão, Domingues (2004) sintetiza o positivismo da seguinte forma:

1) Procurar acercar-se dos fenômenos tais como eles se oferecem à observação e à experiência e tomá-los tais quais, como fatos ou dados da experiência, sem se apoiar em nenhuma ideia preconcebida e sem buscar nenhuma essência escondida por trás deles; 2) procurar estabelecer correlações entre os fenômenos observados, fixar os nexos causais que os envolvem e determinar as leis que os governam; 3) procurar confirmar as correlações, corroborar os nexos causais e comprovar as leis por meio de testes precisos e de experimentos concludentes (DOMINGUES, 2004, 172).

Nesse contexto, Zanoteli (2015, p.68) expressa que essas três ideias, denominadas como ideias-força, “[...] se alinham e confirmam a filiação e a aderência do programa positivista com os postulados do empirismo Baconiano, em especial, com a observação e a indução [...]”. Segundo o autor, tal concepção reafirma o entendimento de que a origem do conhecimento está pautada exclusivamente na *práxis*. Por arremate, trazemos as lições de Domingues (2004) ressaltando que o Positivismo, dirige um olhar objetivo e imparcial sobre o campo de investigação, esvaziando toda a marca pessoal e a impressão subjetiva do observador, pois essas, apenas atrapalhariam na investigação.

Assim, concluímos que o positivismo, visando a morte do sujeito epistêmico, caracteriza como critério de demarcação da ciência a verificabilidade. Veremos no tópico seguinte que Popper, contrapõe tal argumento, assumindo que o critério de demarcação da ciência deveria ocorrer não pela possibilidade de verificação, mas sim, pela possibilidade ou não de falsificação.

## 2.2O FALSIFICACIONISMO DE KARL POPPER

Conforme exposto no tópico supra, a diferença crucial entre o método proposto por Karl Popper para o método do Positivismo está no critério de demarcação da ciência. Enquanto no Positivismo considera-se científico tudo o que é passível de verificação, em Popper (2004) apenas é científico aquilo que é passível de falsificação. Esse novo método que confronta o positivismo e idealiza

uma nova forma entender o que é ou não científico é chamado de falsificacionismo (BACON, 1984; POPPER, 2004).

Segundo Popper (2004), as ciências empíricas se caracterizavam principalmente por empregarem “métodos indutivos” na pesquisa. Sob tal ótica, a lógica da pesquisa científica encontra escoadouro na Lógica Indutiva, ou seja, a análise lógica desses métodos indutivos. Para o autor, não existiria qualquer justificativa em inferir resultados universais de enunciados singulares. Essa premissa, base para o seu questionamento, pode ser resumida no seguinte caso: “[...] independentemente de quantos casos de cisnes brancos possamos observar, isso não justifica a conclusão de que *todos* os cisnes são brancos” (POPPER, 2004, p. 28).

A afiguração elaborada por Karl Popper em relação aos cisnes demonstra de forma clara o *problema da indução*. Em síntese, o problema da indução questiona a validade ou verdade dos enunciados universais que utilizam a base da experiência para obtenção de suas conclusões. Nesse aspecto encontram-se as ciências empíricas. Para Popper (2004), só existe uma forma de fundamentação da ciência empírico (indutiva), que é através da utilização de novas induções, ou seja, um círculo vicioso. Assim, Popper se posiciona:

[...] se tentarmos considerar sua verdade (princípio da indução) como decorrente da experiência, surgirão de novo os mesmos problemas que levaram à sua formulação. Para justificá-lo, teremos de recorrer a inferências indutivas e, para justificar estas, teremos de admitir um princípio indutivo de ordem mais elevada, e assim por diante. [...]. Dessa forma, a tentativa de alicerçar o princípio de indução na experiência malogra, pois conduz a uma regressão infinita (POPPER, 2004, p. 29).

Para Popper (2004), em contraponto ao processo indutivo e a utilização da Lógica Indutiva, sua teoria (por ele também denominada de *método dedutivo de prova*) expressa que uma hipótese apenas admitiria prova empírica após ter sido formulada, ou seja, sua formulação vem antes da *práxis*. Em sua visão, é através da construção de hipóteses e de seu cotejamento com a realidade que a ciência é produzida.

Frise-se mais, como remate, que para o positivismo, a linha divisória entre o que é ou não científico consiste no que pode ou não ser verificado (BACON, 1984;

DOMINGUES, 2004; OLIVA, 1990), enquanto que para Popper (2004) o critério de demarcação da ciência é a falseabilidade. Nesse sentido, é possível extrair o entendimento de que toda proposição que possa ser refutada por experiência empiricamente observável é científica, por corolário lógico, não sendo possível essa refutação, a proposição em questão não é ciência. Como bem denota o autor:

[...] em outras palavras, não exigirei que um sistema científico seja suscetível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recursos a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico. (Assim, o enunciado “Choverá ou não choverá aqui, amanhã”, não será considerado empírico, simplesmente porque não admite refutação, ao passo que será considerado empírico o enunciado “Choverá aqui, amanhã”).(POPPER, 2004, p. 42).

O enunciado “choverá aqui, amanhã” demonstra de forma clara a elaboração da hipótese do método proposto por Popper. Em suma, apenas será científico aquilo que possa ser falseado por provas empíricas.

Carvalho (1990) expressa que ainda restam impregnados no método hipotético-dedutivo proposto por Popper, diversos pressupostos do positivismo. Sendo destacado por Zanoteli, (2015) como:

(i) a prova de toda teoria diante da experiência (ciência empírica, teoria empírica); (ii) a ordem e a regularidade da natureza; (iii) a generalização; (iv) o domínio da natureza; (v) a predição e a previsão; (vi) a matematização da ciência, agora reforçada pela estatística; e (vii) a neutralidade do pesquisador diante dos dados/coisas, como sinônimo de imparcialidade e objetividade.

Zanoteli (2015, p. 67-68) especifica que “[...] na prática do método hipotético-dedutivo, encontram-se entrelaçados tanto aquilo que Popper (2013 [1952]) mais rechaçava quanto o que mais almejava.” Nesse aspecto, se justifica o método proposto por Popper ser computado como limítrofe do “positivismo histórico”.

Por fim, cumpre ressaltar que o método hipotético-dedutivo e o falsificacionismo proposto por Popper, apesar de possuir extrema relevância nas ciências sociais modernas, incluindo as Ciências Contábeis, foi duramente criticado, incluindo nesse rol de autores o Professor Thomas S. Kuhn, da *Princeton University*. Enquanto que Popper acredita que os cientistas são solucionadores de problemas,

Thomas S. Kuhn acreditava que os cientistas são solucionadores de enigmas (KUHN, 2012).

Sob tal premissa, introduzimos Kuhn, que em seu livro *Estrutura das Revoluções científica pesquisa como ocorrem as Revoluções Científicas* (KUHN, 2012).

## 2.3 KUHN E A ESTRUTURA DAS REVOLUÇÕES CIENTÍFICAS

### 2.3.1 Ciência normal e os paradigmas

Preliminarmente, para traçarmos uma compreensão da Estrutura das Revoluções Científicas de Thomas S. Kuhn é necessário entender dois conceitos fundamentais propostos pelo professor: a ciência normal e os paradigmas.

Para Kuhn (2012) o conceito de ciência normal é:

[...] a pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas. Essas realizações são **reconhecidas** durante algum tempo por alguma comunidade científica específica como proporcionando os fundamentos para sua prática posterior (KUHN, 2012, pg. 29) (grifo nosso).

Nesse conceito, permeia o entendimento de que a ciência normal nada mais é do que a realização de operações de limpeza, onde não existe o objetivo de introduzir algo totalmente novo a ciência praticada. Sua natureza está dirigida para “a articulação daqueles fenômenos e teorias já fornecidos pelo paradigma”. (KUHN, 2012, p. 45).

Kuhn (2012) nos ensina que a ciência normal tem um “reduzido interesse em produzir grandes novidades, seja no domínio dos conceitos, seja no dos fenômenos. A gama de resultados esperados é sempre pequena se comparada com as alternativas que a imaginação pode conceber”. (KUHN, 2012, p. 57). Nesse contexto, quando a pesquisa não se encaixa dentro do modelo proposto pela ciência normal é considerado mero erro e destaca-se como um fracasso do cientista.

Noutro passo, o reconhecimento mencionado no início do tópico (grifo) e a utilização como fundamento para sua prática posterior denotam uma relação direta



entre a ciência normal e os paradigmas. Esses últimos, partilham de duas características essenciais:

[...] Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividade científica dissimilares. Simultaneamente, suas realizações eram suficientemente abertas para deixar toda a espécie de problemas para serem resolvidos pelo grupo redefinido de praticantes da ciência. (KUHN, 2012, p. 30)

Segundo Kuhn (2012) quaisquer realizações que partilhem dessas duas características, devem ser chamados de “paradigmas”, um termo estreitamente relacionado com “ciência normal”.

Sintetizando, extraímos dois trechos em que o autor simplifica o termo, dizendo, no primeiro, que “[...] no seu uso estabelecido, um paradigma é um modelo ou padrão aceitos.” (KUHN, 2012, p 43) e no segundo, “[...] considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” (KUHN, 2012, p. 11).

Posteriormente, em seu posfácio, Kuhn (2012, p. 219) dedica-se a melhor definir o que é um paradigma, definindo como “aquilo que os membros de uma comunidade científica partilham e, inversamente, uma comunidade científica consiste em homens que partilham um paradigma.”

Inobstante a suficiência dos conceitos apresentados por Kuhn para a definição de paradigma, traz-se ao presente trabalho a visão de outros autores como forma de fundamentar a abordagem teórica a ser adotada na conclusão. Nesse sentido, de crucial importância é a interpretação de Denzin, Lincoln e Netz (2006) e Guba e Lincoln (1994) em que definem paradigma sob outra perspectiva. Para esses autores, trata-se de uma visão de mundo ou até mesmo um sistema de crenças que tendem a orientar as percepções e ações dos pesquisadores.

No que concerne a origem etimológica do termo “paradigma”, essa deriva da palavra grega *paradeigma*, cujo o significado, em sentido *stricto*, é modelo ou exemplo. No âmbito da pesquisa, possui múltiplos usos, todavia, tende a ser

empregado como algo a ser imitado ou seguido (DOMINGUES, 2004; ZANOTELI, 2015).

Antes de adentrar nos demais conceitos apresentados por Kuhn (2012), cumpre ainda tecer algumas considerações acerca da ciência normal e os ditos “quebra-cabeças”. Para o autor, “quebra-cabeça indica, no sentido corriqueiro em que empregamos o termo, aquela categoria particular de problemas que servem para testar nossa engenhosidade ou habilidade na resolução de problemas.” (KUHN, 2012, p. 59). Nesse aspecto,

[...] nenhuma teoria resolve todos os quebra-cabeças com os quais se defronta em um dado momento. Por sua vez, as soluções encontradas nem sempre são perfeitas. Ao contrário: é precisamente a adequação incompleta e imperfeita entre a teoria e os dados que define, em qualquer momento, muitos dos quebra-cabeças que caracterizam a ciência normal. Se todo e qualquer fracasso na tentativa de adaptar teoria e dados fosse motivo para a rejeição de teorias, todas as teorias deveriam ser sempre rejeitadas (KUHN, 2012, p. 186).

Kuhn (2012, p. 61) afirma que “para ser classificado como quebra-cabeça, não basta a um problema possuir uma solução assegurada. Deve obedecer a regras que limitam tanto a natureza das soluções aceitáveis como os passos necessários para obtê-las”.

### **2.3.2 As anomalias, a emergência das descobertas científicas**

Nas palavras de Kuhn (2012) a ciência normal é “atividade que consiste em solucionar quebra-cabeças, é um empreendimento altamente cumulativo, extremamente bem sucedido no que toca ao seu objetivo, a ampliação contínua do alcance e da precisão do conhecimento científico.” (KUHN, 2012, p. 77).

Nesse contexto, é necessário compreender quando as descobertas científicas emergem. Para o autor, a descoberta científica “começa com a consciência da anomalia, isto é, com o reconhecimento de que, de alguma maneira, a natureza violou as expectativas paradigmáticas que governam a ciência normal.” (KUHN, 2012, p. 78).

É através do surgimento da anomalia é que um cientista, que já possua a predisposição para enxergar o novo, propõe algo que possibilita o nascimento da

descoberta científica. Essa nova teoria é posta a debates e tende a caminhar para dois lados, ou ela se ajusta e adequa-se ao paradigma dominante ou surge uma nova teoria paradigmática, consubstanciando na descoberta científica.

### **2.3.3 A crise**

Kuhn (2012) denota que “[...] a emergência de novas teorias é geralmente precedida por um período de insegurança profissional pronunciada, pois exige a destruição em larga escala de paradigmas e grandes alterações nos problemas e técnicas da ciência normal” (KUHN, 2012, p. 95).

Tal insegurança é denominada de crise. A crise é o momento em que a ciência normal não consegue explicar e adaptar-se ao surgimento das constantes anomalias. Trata-se do momento onde ocorrem mudanças capazes de questionar profundamente os paradigmas dominantes de forma a gerar uma ruptura do antigo frente ao novo. Para Kuhn (2012) a “proliferação de versões de uma teoria é um sintoma muito usual de crise” (KUHN, 2012, p. 99).

Surgem então candidatos a paradigma, mas o processo de persuasão é lento de forma que a teoria vencedora apenas se tornará dominante após anos de trabalhos de convencimento e persuasão da comunidade científica.

### **2.3.4 A resolução das revoluções científicas**

O processo pelo qual o paradigma substitui o seu antecessor divide-se em quatro eixos fundamentais: 1. Surgimento de uma nova teoria/interpretação da natureza, 2. Surgem reiteradas anomalias e instaura-se o estado de crise, 3. Questionamento e verificação dos paradigmas concorrentes, 4. Surgem os debates e a tentativa de persuasão da comunidade científica. É um processo invisível que ocorre de forma extremamente lenta no decorrer da história (KUHN, 2012).

Surgindo o novo paradigma o autor defende a incomensurabilidade das tradições científicas, onde o novo paradigma não se comunica com o antigo. Ou seja, surge uma ruptura das bases científicas e o novo paradigma passa a ser o dominante, dando continuidade ao ciclo.

### 2.3.5 A demarcação da ciência para Kuhn

O critério de demarcação da ciência para Kuhn difere em muito dos modelos propostos pelo Empirismo/Positivismo e pelo método hipotético-dedutivo de Popper. Esses modelos entendem o método como critério essencial para a demarcação da ciência, enquanto Kuhn não se posiciona quanto ao método, mas sim, observa em suas pesquisas que para uma área ser considerada ciência deve existir um paradigma constituído que rege a conduta de determinada comunidade científica.

Nas palavras de Zanoteli (2015),

[...] Portanto, não é um método, como os positivistas almejavam, que caracteriza a ciência e a pseudociência. Cai por terra, então, o movimento de unidade das ciências, no qual todo empreendimento da razão que desejasse ser científico deveria sujeitar-se ao método observacional-indutivo, depois transformado por Popper em hipotético-dedutivo. Percebe-se, aqui, a abertura de uma alternativa para as Ciências Sociais, em especial, para a Ciência Contábil (ZANOTELI, 2015, p. 76).

### 2.4 FEYERABAND E O ANARQUISMO EPISTEMOLÓGICO

Para uma melhor compreensão dos conceitos propostos pelo autor é necessário compreender o contexto social e histórico da publicação de suas obras. Feyeraband nasceu em Viena em 1924 falecendo em 1994, serviu na segunda guerra mundial, formou-se em física e em 1952 foi discípulo de Popper. Sua principal obra foi *Contra o Método* (1975).

O livro *Contra o Método* foi inicialmente idealizado para ser escrito junto a Lakatos em forma de diálogos onde Lakatos defenderia a posição racionalista e Feyeraband o atacaria. Entretanto, em 1974 Lakatos morre. Sendo a obra publicada em 1975 (FEYERABEND, 1989).

Feyeraband (1989) inicia sua obra com a frase: “A ciência é um empreendimento essencialmente anárquico: o anarquismo teórico é mais humanitário e mais suscetível de estimular o progresso do que suas alternativas representadas por ordem e lei.” (FEYERABEND, 1989, p. 17).

Nesse contexto, em um ambiente impregnado pelo racionalismo, Feyerabend (1989) propõe uma crítica contundente a forma de se realizar pesquisas. Sua obra traz em sua essência o conceito de Anarquismo que “embora não constituindo, talvez, a mais atraente filosofia política, é, por certo, excelente remédio para a epistemologia e para a filosofia da ciência.” (FEYERABEND, 1989, p. 19).

Segundo Kropotkin,

[...] O anarquismo é um conceito geral, baseado em uma explicação mecânica de todos os fenômenos”, escreve Kropotkin<sup>10</sup>: ‘Seu método de investigação é o das ciências naturais exatas..., o método de indução e dedução’. ‘Não parece tão claro’, escreve um moderno professor ‘radical’ de Colúmbia<sup>11</sup>, ‘que a pesquisa científica exija absoluta liberdade de expressão e debates. A evidência sugere, antes, que certos tipos de restrição não colocam empecilhos no caminho da ciência...’ (apud FEYERABEND, 1989, p. 23)

O conceito de anarquismo epistemológico proposto por Feyerabend encontra arcabouço no entendimento de que as metodologias são falhas à medida que pretendem ser infalíveis e universais. Existem um natural impossibilidade de se explicar fenômenos extremamente complexos através de regras simplistas. Nesse sentido, Feyerabend assevera que vale tudo, pois

[...] Com efeito, um dos notáveis, traços dos recentes debates travados em torno da história e da filosofia da ciência é a compreensão de que acontecimentos e desenvolvimentos tais como a invenção do atomismo na Antiguidade, a revolução copernicana, o surgimento do moderno atomismo (teoria cinética; teoria da dispersão; estereoquímica; teoria quântica), o aparecimento gradual da teoria ondulatória da luz só ocorreram porque alguns pensadores decidiram não se deixar limitar por certas regras metodológicas ‘óbvias’ ou porque involuntariamente as violaram (FEYERABEND, 1989, p. 29).

Outro conceito de extrema importância para Feyerabend (1989) é o de incomensurabilidade. Segundo o autor, “[...] os princípios universais próprios de um esquema, são sustados pelos outros. É esse o fato que define a incomensurabilidade [...]” (FEYERABEND, 1989, p. 404-405).

Feyerabend (1989) em verdade, questiona se de fato a ciência é superior as outras áreas do conhecimento, ou seja, a metafísica, o senso comum. Ao falar de Lakatos, justifica:

[...] Tendo terminado sua 'reconstrução' da ciência moderna, volta-a contra outros setores, como se já houvesse estabelecido que a ciência moderna é superior à mágica ou à ciência aristotélica e que não produz resultados ilusórios. Não há, entretanto, sombra de argumento. dessa espécie. As 'reconstruções racionais' dão por bom o 'saber científico geral', não demonstram que ele seja melhor que o 'saber fundamental' de feiticeiros e bruxos. Ninguém demonstrou que a ciência (dos 'dois últimos séculos'<sup>64</sup>) alcança resultados que se conformam a seu próprio 'saber', ao passo que outros domínios deixam de apresentar resultados desse gênero. [...] (FEYERABAND, 1975, p. 310-311)

Feyerabend (1975) ainda expõe que a liberdade individual é essencial para aprimorar o conhecimento humano. Pautando-se nesse argumento, o autor se questiona sobre a possibilidade de criar uma tradição que se mantenham intacta ou, até mesmo, una. Ao manipular o conhecimento, devemos conceder direitos exclusivos a determinados métodos? Deve-se ignorar os resultados de outros métodos? (FEYERABEND, 1989).

Segundo Feyerabend (1989) a resposta para essas perguntas é um firme e vibrante não. Os fundamentos para essa resposta baseiam-se em duas alicerces fundamentais: o primeiro, o mundo que buscamos explorar é uma entidade em grande parte desconhecida. O segundo, a educação científica da forma que é desenvolvida, não poderia ser conciliada com uma atitude humanista. Existe um conflito com o cultivo da humanidade, que para ele, é o único procedimento que produz seres humanos bem desenvolvidos (FEYERABEND, 1989).

Assim, ao rebater a existência de métodos científicos universais, Feyerabend (1989) pretende aprimorar o conhecimento, que através da liberdade individual, possibilita o fomento do pensamento criativo e o surgimento de novas teorias. Essa liberdade e o anarquismo proposto por Feyerabend (1989) representam uma crítica a forma de fazer ciência e, ainda hoje, podem ser debatidas e direcionadas para as pesquisas hodiernas em contabilidade.

### **3 CONCLUSÃO: A CIÊNCIA CONTÁBIL E OS SEUS PARADIGMAS**

O presente tópico visa traçar uma análise crítica de cada autor, para em sequência, correlacioná-los aos paradigmas modernos das Ciências Contábeis. No que tange ao empirismo e positivismo como método científico e consequente

demarcador do que é ou não ciência, a crítica postulada por Popper se faz extremamente pertinente. O exemplo dos cisnes resume de forma didática tal abordagem, inferir resultados universais de enunciados singulares podem não representar com fidedignidade a verdade científica, ou ainda, levar o pesquisador a erros graves.

Já o método-hipotético dedutivo de Popper tem se mostrado de grande relevância na Ciência Contábil. A elaboração de hipóteses com base nas teorias vigentes com o posterior confronto empírico torna-se muito mais plausível como método para obtenção do conhecimento do que a tentativa de o obter exclusivamente pela *práxis*.

Entretanto, a utilização exclusiva do método-hipotético dedutivo de Popper pode estar influenciando de forma negativa no surgimento de novas teorias. O que se observa nas Ciências Contábeis, conforme observa Zanoteli (2015) é que as teorias que fundamentam todo o arcabouço da contabilidade foram propostas em períodos anteriores a década de 60. Após o marco temporal da década de 60, inicia-se a pesquisa positiva de contabilidade, onde a ciência contábil passa a buscar na teoria econômica os fundamentos para suas pesquisas hipotético-dedutivos.

Esses achados encontram escoadouro com as pesquisas de Mendonça, Riccio e Sakata (2009) e Spessato e Bezerra (2008), que ao analisar as pesquisas em contabilidade desenvolvidas no Brasil pós década de 90, encontraram preponderância da abordagem positiva.

A visão paradigmática de Kuhn (2012) como critério para demarcação da ciência possui maior aderência nas ciências sociais. Essa visão não propõe apresentar um método para se obter a ciência, mas sim, com um olhar de observador das transformações científicas, identificar como elas ocorrem, independentemente de como o pesquisador planeja sua realização. É como um olhar de terceiro, ou seja, uma constatação sobre como são construídas as revoluções científicas.

Tal visão possibilita o estudo dos paradigmas que marcaram ou marcam determinada ciência e aumentam a percepção sobre quando de fato e porque ocorreram as mudanças. É sobre esse escopo que o marco da década de 60 deve ser observado.

Segundo Wells (1976) o custo histórico se cristalizou e dominou a literatura e a prática da Contabilidade. Nesse aspecto, pode ser considerado o primeiro paradigma da ciência contábil. Em consonância com a Estrutura das Revoluções Científicas propostas por Kuhn (2012), as primeiras anomalias

[...] mostraram-se presentes na década de 1920, pois oriundas do período do pós-guerra, da Grande Depressão de 1929 nos EUA, dentre outros fatores. Mas, como alertou Kuhn (2011 [1962]), essas primeiras anomalias são vistas como quebra-cabeças a serem solucionados, que os adeptos da “doutrina do custo histórico” se empenharam em resolver, merecendo destaque os trabalhos de Sanders et al. (1938), Gilman (1939) e Paton e Littleton (1940). Contudo, com a intensificação das anomalias, a partir dos anos 1950, que não passam despercebidas por todos, não tardam a surgir as primeiras manifestações de descontentamento, bem como as primeiras propostas de soluções alternativas, como é o caso do trabalho seminal de Chambers (1955). (ZANOTELI, 2015, p. 138).

Diversos fatores históricos contribuíram para o surgimento dessas anomalias. Podemos listar a sofisticação dos negócios e complexidade das organizações, mudanças significativas no ambiente econômico, inflação, dentre outros.

O surgimento cada vez mais constante de quebra-cabeças que o custo histórico não era capaz de solucionar propiciou o surgimento de novas teorias. Em especial, citamos os trabalhos de Edwards e Bell (1961) que através do livro *The Theory and Measurement of Business Income* propuseram o Custo Corrente como método para avaliação de ativos.

Posteriormente, temos o trabalho de Chambers (1966) que em síntese propôs que a avaliação de ativos não deveria pautar-se nos métodos de entrada, ou seja, o custo de aquisição, mas sim, nos métodos de saída, ou seja, no valor de venda dos ativos. Seu método era o Correntes Equivalentes a Caixa.

Wells (1976) catalogou as principais teorias que concorreram como métodos alternativos de mensuração do custo histórico, bem como os principais autores, vejamos:



1. nível de preço ajustado – Jones (1956) e Mason (1971); 2. custo corrente – Edwards e Bell (1961), Mathews (1965), Gynther (1966), Revsine (1973); 3. *deprival value* – Baxter (1967), Wright (1970), Stamp (1971), Whittington (1974); e 4. valor realizável líquido – Chambers (1966), Sterling (1970), McKeown (1971). (WELLS, 1976, p. 478).

Não obstante o surgimento de inúmeras teorias candidatas a paradigma na década de 60, nenhum sagrou-se vencedora. O que ocorreu foi que com a utilização hegemônica do método hipotético-dedutivo de Popper, foi necessário buscar teorias consolidadas para a elaboração das hipóteses. Nesse aspecto, havendo nas ciências contábeis uma grande incerteza sobre qual teoria sagrara-se vencedora, os cientistas passaram a buscar na Teoria Econômica as bases doutrinárias para elaboração de suas pesquisas. Dá-se, assim, início a Pesquisa Positiva em Contabilidade.

Atualmente, o que se observa nas Ciências Contábeis é a utilização de um sistema multiparadigmático de mensuração, ou seja, os órgãos responsáveis pela normatização das práticas contábeis incorporam diversas teorias para a mensuração e avaliação dos ativos, onde se visualizam juntos: custo histórico, custo corrente, valor realizável líquido e o valor justo. Concluindo, ainda inexiste um paradigma dominante na ciência contábil.

## REFERÊNCIAS

BACON, F. **Novum Organum ou verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza**. 3. ed. [s.l: s.n.].

CARVALHO, M. C. M. DE. K. R.. Popper: a falsificabilidade como critério de demarcação do discurso empírico-científico. In: PAPIRUS (Ed.). . In OLIVA A. (Org.). **Epistemologia: a cientificidade em questão**. Campinas: [s.n.]. p. 59–102.

CHAMBERS, R. J. A matter of principle. **The Accounting Review**, v. 41, n. 3, p. 443–457, 1966.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S.; NETZ, S. R. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. [s.l.] Artmed, 2006.

DOMINGUES, I. **Epistemologia das ciências humanas** (Tomo I: Positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber). Edições Lo ed. São Paulo: [s.n.].

EDWARDS, E. O. .; BELL, P. W. **The theory and measurement of business income.** [s.l: s.n.].

FEYERABEND, P. K. **Contra o método.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: **Handbook of qualitative research.** Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc, 1994. p. 105–117.

HESSEN, J. **Teoria do Conhecimento.pdf.** 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions.** [s.l: s.n.].

MENDONÇA NETO, O. R. DE; RICCIO, E. L.; SAKATA, M. C. G. Dez anos de pesquisa contábil no Brasil: análise dos trabalhos apresentados nos ENANPADs de 1996 a 2005. **Revista de Administração de Empresas**, v. 49, n. 1, p. 62–73, 2009.

OLIVA, A. A hegemonia da concepção empirista de ciência a partir do Novum Organon de. F. Bacon. In: PAPIRUS (Ed.). . **Epistemologia: a cientificidade em questão.** Campinas: [s.n.]. p. 11–34.

POPPER, K. R. **Popper, Karl - A Logica Da Pesquisa Científica.** São Paulo: [s.n.].

SPESSATO, G.; BEZERRA, F. A. Utilização das abordagens positiva e normativa nas pesquisas em contabilidade. **XV Congresso Brasileiro de Custos**, 2008.

WELLS, M. C. A revolution in accounting thought? **The Accounting Review**, v. 51, n. 3, p. 471–482, 1976.

ZANOTELI, E. J. **Ativos intangíveis: uma perspectiva teórica para o seu reconhecimento e mensuração nas ativos intangíveis.** [s.l.] Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2015.